



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

WADSON SANTOS SOUZA

NECROPOLÍTICA EM CAPITÃES DA AREIA:
Decolonizando o racismo por meio do cinema

ITABUNA-BA
2020

WADSON SANTOS SOUZA

NECROPOLÍTICA EM CAPITÃES DA AREIA:
Decolonizando o racismo por meio do cinema

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais como requisito obrigatório para obtenção do Título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais, sob Orientação da Prof.^a Dra. Francismary Alves da Silva. Área de Concentração: Pós-colonialidade e Fundamentos da Educação nas Relações Étnico-Raciais.

ITABUNA-BA
2020

Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

S729n Souza, Wadson Santos, 1996-

Necropolítica em Capitães da Areia : decolonizando o racismo por meio do cinema / Wadson Santos Souza. – Itabuna: UFSB, 2021. - 62f.

Memorial (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Jorge Amado, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, 2021.

Orientadora: Dra. Francismary Alves da Silva.

1. Necropolítica – Estudo e ensino (Ensino fundamental). 2. Racismo – Estudo e ensino (Ensino fundamental). 3. Amado, Jorge, 1912-2001. I. Título.

CDD – 370.115



GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS – PPGER MESTRADO PROFISSIONAL

Folha de Assinaturas

Defesa de dissertação, com Produto Final, do Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais/PPGER, de Wadson Santos Souza, intitulado " Necropolítica em Capitães da Areia: decolonizando o racismo por meio do cinema ", orientado pela Profa. Dra. Francismary Alves da Silva, apresentado à Banca Examinadora, em 11 de dezembro de 2020:

Prof.^a Dra. Ayalla Oliveira Silva
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Examinadora externa

Prof.^a Dra. Ana Cristina Santos Peixoto
Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB)
Examinadora interna

Francismary Alves da Silva
Orientadora

Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB)

DEDICATÓRIA

Para todas e todos que lutam por uma sociedade melhor por meio da educação antirracista, em especial as professoras e professores do Colégio Estadual Almakazir Gally Galvão

AGRADECIMENTOS

Temos muito que agradecer, nossa jornada foi longa e não termina com a finalização desta dissertação.

Agradeço a Deus, força maior do universo.

Gratidão a Francismery, pela parceria e cuidados ao longo destes mais de dois anos e meio de trabalho de orientação, sem seus conselhos e dicas não seria possível a concretização deste sonho.

Devo citar minha enorme gratidão as professoras AnaCris e Célia Regina, que com todo carinho realizaram minha entrevista no processo de ingresso neste programa de pós-graduação, bem como a todos os membros do colegiado.

Agradeço a Pró-reitoria de Sustentabilidade e Integração Social pela concessão da Bolsa de Auxílio a Pesquisa (BAP) instrumento fundamental para minha permanência neste curso.

A minha mãe e a meu pai, Solange e Washington, agradeço todo o carinho e incentivo.

A Rita Silva Sandes (*in memoriam*) toda minha gratidão pelo carinho, incentivo e apoio. Devo citar e agradecer a Nelson Sandes e a minhas irmãs do peito Geomara Moreno e Tereza Sá pelo incentivo e parceria nesta jornada.

Agradeço a toda minha família, ao citar meus avós quero representar a todos os meus irmãos, irmãs, tias, tios e primos, Dejanira Bernadino (*in memoriam*), Norberto Ribeiro (*in memoriam*), Maria Raimunda (*in memoriam*) e minha madrinha Julieta (*in memoriam*), ao citá-los reitero o privilégio de poder ter convivido com cada um deles.

Gratidão aos meus professores e professoras do ensino básico, da graduação e nesta jornada do mestrado aos queridos docentes e colegas da segunda turma com o qual convivi em aulas e viagens um fraterno abraço.

Aos meus amigos minha eterna gratidão pelo incentivo e palavras de admiração.

Por fim, agradeço ao destino que me trouxe, por vias tortuosas, a este momento de construção do conhecimento.

“A cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma vila agachada, uma cidade ajoelhada”

Frantz Fanon

“Não existe nem nunca existirá respeito às diferenças em um mundo que pessoas morrem de fome ou são assassinadas pela cor da pele”

Silvio Almeida

RESUMO

Neste trabalho desenvolve-se a análise e defesa do produto educacional confeccionado com o objetivo de ser usado em aulas do ensino básico no município de Coaraci do Estado da Bahia. A cartilha apresentada ao longo deste texto busca viabilizar o debate sobre os conceitos de necropolítica, racismo e violência por meio do uso do filme Capitães da Areia (2011) da diretora Cecília Amado, trata-se da adaptação para o cinema do universo criado pelo escritor Jorge Amado no romance Capitães da Areia (1937). A análise do produto é efetivada com a revisão e definição dos conceitos de racismo, violência e necropolítica, em conjunto com o relato da trajetória de construção do produto, bem como o exame do universo construído pelo escritor Jorge Amado no romance e do enfoque dado na adaptação homônima. Faz-se também uma defesa da metodologia investigativa empregada na construção do produto defendido. Nessa abordagem metodológica estimula-se o debate e a construção dos conceitos por meio da apresentação de dados estatísticos e notícias coletadas em sites e bases de dados do Governo Federal. Como resultado da análise, apresenta-se a cartilha, vista como um produto educacional e metodológico, no qual articula-se diversas linguagens culturais a fim de implementar o debate proposto de forma crítica. A construção de materiais didáticos para o uso em atividades educacionais antirracistas se constitui num instrumento de combate ao racismo. Com esse intento, a cartilha defendida neste trabalho visa ser um caminho para uma educação mais inclusiva e crítica.

Palavras-chaves: Jorge Amado; educação antirracista; metodologia investigativa; violência; necropoder.

ABSTRACT

In this paper, we analyze and defend an educational product developed for classwork in school settings in the municipality of Coaraci in the State of Bahia. The booklet introduced in the text is meant to mediate a debate on the concepts of necropolitics, racism and violence through the use of the film *Capitães da Areia* (2011) by director Cecília Amado, this is the film adaptation of the universe created by the writer Jorge Amado in the novel *Capitães da Areia* (1937). In the analysis of the product, we revise and define the concepts of racism, violence and necropolitics, and also report the process through which it was developed. Moreover, we examine, both the literary universe created by Jorge Amado in his novel and the point of view adopted in the homonymous film. Finally, we defend the investigative methodology employed in the construction of this booklet, which fosters a debate and the building of concepts, mediated by statistical data and pieces of news collected from sites and databases of the Brazilian Federal Government. As a result of the analysis, the booklet is introduced as an educational and methodological product, where multiple cultural languages articulate, so that the proposed debate can be critically implemented. We understand that the development of pedagogical products for use in antiracist educational activities is a tool for fighting racism. As such, the booklet defended in this paper is meant to be a path for education that is more inclusive and critical.

Keywords: Jorge Amado; anti-racist education; investigative methodology; violence; necropower.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O COMEÇO.....	12
2.1 Elaboração do projeto.....	13
2.2 Repensando (n)o caminho.....	14
2.3 A cartilha.....	15
3. CAMINHO DE DEBATE PARA “CAPITÃES DA AREIA”: RACISMO, VIOLÊNCIA E NECROPOLÍTICA.....	19
3.1 Violência, racismo e necropolítica.....	19
3.2 Os capitães da areia na obra amadiana.....	21
3.3 Os capitães da areia na adaptação cinematográfica.....	23
3.4 Proposta metodológica da cartilha “Necropolítica e Capitães da Areia”.....	25
4. CARTILHA NECROPOLÍTICA E CAPITÃES DA AREIA.....	30
4.1 Apresentação.....	30
4.2 O cinema e o ensino.....	30
4.3 Jorge Amado: o negro e a construção da baianidade.....	31
4.4 Elza Soares, representatividade e militância.....	32
4.5 Necropolítica, racismo e violência no Brasil.....	33
4.6 Capitães da Areia: direcionando o olhar sobre a violência e o racismo.....	33
4.7 Direcionando o olhar: uma metodologia.....	34
4.8 Finalizando.....	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
6. REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS.....	59

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca viabilizar o debate sobre os conceitos de necropolítica, racismo e violência por meio do uso do filme *Capitães da Areia* (2011) da diretora Cecília Amado, adaptação para o cinema do universo criado pelo escritor Jorge Amado no romance *Capitães da Areia* (1937). Desenvolve-se a análise e defesa do produto educacional confeccionado com o objetivo de ser usado em aulas do ensino básico, anos finais do fundamental II e iniciais do ensino médio na rede de ensino de Coaraci, cidade situada na região sul da Bahia.

São alarmantes os índices de violência registrado no Brasil nos últimos anos, de maneira especial os altos índices de mortes, sendo 65.602 homicídios em 2017, o “maior nível histórico de letalidade violenta intencional no país”, segundo o “Atlas da Violência 2019” publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, conforme Cerqueira *et al.* (2019). O perfil das vítimas pode ser resumido pelas seguintes características: homens, negros, jovens e residentes nas periferias. Tal realidade configura-se como um desafio para o Estado e para a sociedade que deve(ria)m oferecer saídas para a juventude negra.

A escola pode e deve ser palco de discussões de saídas para esta crise, definida por alguns pesquisadores e pelo movimento negro como o genocídio da juventude negra. Assim, discutir os conceitos de necropolítica, racismo e violência com o público jovem deve ser o primeiro passo para uma possível superação desta problemática de grande impacto social. O produto desenvolvido intitulado “Necropolítica e Capitães da Areia: decolonizando o racismo por meio do cinema”, objetiva subsidiar professores, professoras e mediadores em aulas sobre esta questão tão premente na sociedade brasileira.

Além da presente introdução, no segundo capítulo intitulado “O começo”, rememora-se o caminho percorrido na definição do projeto de pesquisa que culminou no produto defendido. No capítulo consecutivo, “Construindo um caminho de debate”, é feito uma apreciação conceitual do produto em que se apresenta as definições epistemológicas, os conceitos de racismo, violência e necropolítica. Dispositivos críticos para análise do filme *Capitães da Areia*, adaptação homônimo do romance amadiano de

1937, são delineados nessa etapa. Faz-se também uma defesa da proposta metodológica realizada na cartilha. Por fim, no quarto capítulo temos a cartilha, produto desenvolvido para ser usado como subsídio para aulas, são textos, *slides*, *cards* e sugestões de atividades que auxiliarão no desenvolvimento de debates sobre a temática citada acima. Conclui-se, no quinto e último capítulo, com as questões finais e com sinalizações da necessidade de aprofundamento da temática em pesquisas futuras.

2. O COMEÇO

Numa sociedade racista não basta não ser racista. É necessário ser antirracista.

Angela Davis

Ainda na graduação, na Universidade Federal do Sul da Bahia, despertei o interesse por tentar entender a importância de se falar, refletir e pesquisar sobre o racismo, de modo particular o “racismo à brasileira”. Meu contato inicial com as relações étnico-raciais se deu, de início, com textos sobre a estrutura do racismo na História do Brasil, sobre os conceitos de raça e racismo, etnia e etnicidade, sobre as perspectivas racialistas no Brasil, sobre o ideal de branqueamento no racismo brasileiro, sobre a democracia racial. Entre os autores, esse meu contato inicial se deu com as leituras de Antonio Sergio Alfredo Guimarães (2002), Angela Davis (2018), Jeferson Bacelar (2001), Donald Pierson (1971), Oracy Nogueira (1985), Tales de Azevedo (1975), Thomas Skidmore (1976), Gislene A. dos Santos (2002), Edson Borges (2002), Maria Luiza Tucci Carneiro (1996) entre outros. Foram autores que começaram a desenhar um entendimento sobre a naturalização da imagem de inferioridade do negro, conforme Gislene Aparecida dos Santos (2002) destaca em “A invenção do ser negro”:

Se a imagem do negro pacífico e passivo serviu em um dado momento à manutenção da ordem, agora fazia-se mister inverter esse quadro, demonstrando o quanto ele era nocivo e prejudicial a um país que se lançava ao desenvolvimento. Ao ressaltar o caráter selvagem e em nada propenso à civilização do negro tentava-se provar que ele jamais poderia ser um cidadão (como o branco, como o imigrante). (SANTOS, 2002, p. 130)

A construção histórica dessa imagem naturalizada de perigosa inferioridade, resultado direto de séculos de escravização de povos africanos no Brasil, ocorreu de diversos meios, nas relações de trabalho, nas formas de produção de conhecimento, na música, na dança, nos sistemas escolares, na culinária, nas classes sociais, na ocupação dos espaços públicos, nas trajetórias de vida quase demarcadas pela nascença, tudo sempre bastante visível e registrado em canais de fácil acesso popular, como jornais, por exemplo.

A descrição do negro como lascivo, libidinoso, violento, beberrão, imoral ganha **as páginas dos jornais** compondo a imagem de alguém em que não se pode confiar. Condenavam o samba e a capoeira como práticas selvagens e que terminavam em desordem e violências. Acusavam os negros por praticarem

bruxarias, por não possuírem espírito familiar sendo as mulheres sensuais e infiéis e os maridos violentos, retratos da falta de estrutura moral, psíquica e social do negro. (SANTOS, 2002, p. 131, *grifo meu*)

Os trechos destacados acima revelam uma pretensa identidade negra volúvel. A sociedade brasileira, por meio dos meios de comunicação das diversas épocas, das lendas e histórias, engendra ou inventa espectros negativos do ser negro. Esse discurso sofreu diversas mudanças ao longo do tempo, de acordo com os interesses das elites dominantes. Em contato com toda essa discussão e estando num momento crucial de definição do meu percurso formativo, decidi elaborar um projeto de pesquisa e tentar o ingresso na segunda turma do PPGER (Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais), para desenvolvimento da pesquisa que aqui apresento.

Porquanto cabe destacar minha trajetória de vida, sou um jovem negro e durante toda minha vida escolar, da pré-escola a graduação, frequentei instituições de ensino públicas, atesto a importância da educação para superação das dificuldades enfrentadas pela maioria da população negra deste país. A educação tem um potencial libertador, fator ainda mais relevante numa cidade pequena como Coaraci - BA, município marcado pela desigualdade social e a falta de oportunidades de empregos, principalmente para a juventude, assim o caminho da violência constitui-se em forte atrativo, principalmente para os jovens dos bairros periféricos, o debate sobre o racismo, a violência e a necropolítica é um caminho vital para superação desta realidade. Assim, a produção de material didático que explicitasse o problema aqui apresentado, para o uso em aulas da educação básica sobre a temática da necropolítica, foi uma das formas que encontrei para expressar questionamentos educacionais e críticos que vislumbrem contribuir para a mudança deste cenário.

2.1 Elaboração do projeto

O projeto de pesquisa com o qual iniciei meu percurso no PPGER foi provisoriamente intitulado “O racismo no ambiente escolar: um debate por meio de obras cinematográficas”. Com foco no debate sobre o racismo e análise do cenário de execução da Lei nº 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da temática da História e Cultura Afro-brasileira, pretendia-se diagnosticar a esporadicidade da aplicação da lei, geralmente lembrada como comemoração do dia da consciência negra. O projeto visava desenvolver estratégias para a incorporação das temáticas raciais durante todo o ano letivo, em um currículo articulado e interdisciplinar com os demais conteúdos de todas as

áreas do conhecimento, das ciências naturais as humanas e sociais. A escola, espaço privilegiado de propagação de ideias, conhecimento e afirmação e negação de mitos culturais, espaço no qual a pluralidade cultural deve ser valorizada, seria *locus* ideal para o desenvolvimento das atividades educacionais propostas. Nesse espaço seria urgente aportarmos a atualidade desse fenômeno social que perpassa a história social brasileira, denominado de racismo. Apesar da raça humana não ter legitimação nas ciências naturais, a ideia persiste nas práticas sociais de uma sociedade com um longo histórico de exploração das populações africanas e indígenas, base da pirâmide social (SCHUCMAN, 2014).

O racismo se expressa cotidianamente em formas de opressão e na sua íntima ligação como o poder político e econômico, bem como pelo domínio das expressões materiais e simbólicas da sociedade por determinada fração da população, que se reconhece como superior. A diferença é estigmatizada em vários espaços sociais, entre eles a escola, com seu currículo e a prática cotidiana (DALGASTAGNÈ, 2008). Nesse sentido, propomos o projeto de pesquisa intervenção para ser desenvolvido numa escola do ensino médio da cidade de Coaraci ou Itabuna, com a intenção de desenvolver uma análise do racismo a partir da exibição de filmes com a temática racial e, posteriormente, estimular discussão com os espectadores/estudantes sobre as situações retratadas. Ao final dos procedimentos, pretendia-se produzir uma dissertação ou livro digital que seria disponibilizado para a comunidade escolar participante da pesquisa intervenção. Ao longo dos estudos no mestrado e posteriormente com a situação de excepcionalidade sanitária instalada em 2020, o projeto sofreu alterações na forma, na execução e no produto, contudo, alguns pontos da proposta inicial se mantiveram.

2.2 Repensando (n)o caminho

Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, e o observador é, ele próprio, uma parte de sua observação.

Lévi-Strauss

O processo de reelaboração da pesquisa intervenção é constante, assim como diversas pesquisas, diante da prática a teoria se transforma e a primeira também. Neste empreendimento as distintas variáveis influenciaram a prática e o processo que não

termina com a presente reflexão. O objeto foi definido como cinema e combate ao racismo, na análise de filme e leitura de livro escolhido, a violência surgiu como uma vertente a ser explorada e, por fim, a necropolítica surgiu como um conceito que une as duas temáticas, essa escolha conceitual será abordada nos próximos capítulos. O problema sempre esteve na busca de viabilizar atividades educacionais antirracistas, dessa forma, buscamos maneira de auxiliar os professores na tarefa de falar do racismo em aulas do ensino básico, principalmente nos anos finais do ensino fundamental e iniciais do ensino médio, fase em que as características identitárias estão sobressaltadas na rotina de jovens no ambiente escolar e não apenas. Assim, buscaremos atividades que possibilitem o desenvolvimento de discussões acerca das formas de racismo na sociedade brasileira, que estimulem o uso de obras cinematográficas brasileiras que abordem a questão racial em aulas. Diante do universo de obras cinematográficas possíveis, e levando em consideração a importâncias das obras de Jorge Amado para a região sul baiana, focamos na adaptação de um de seus livros como recorte para o trabalho.

A obra escolhida para análise foi o filme *Capitães da areia* (2011), baseado no livro homônimo do escritor Jorge Amado (1937). Neste romance, como destaca Erica Antunes Pereira (2012, p. 57), evidencia-se a vida dos “marginalizados e excluídos da sociedade”. A narrativa das crianças sem pais que lutam pela sobrevivência expõe as desigualdades e injustiças da sociedade brasileira, dessa forma, Jorge Amado humaniza os oprimidos e desvela a violência sobre a qual se engendra o Brasil moderno.

Diante da problemática e do recorte, o produto a ser desenvolvido é uma cartilha com uma proposta de didática para apresentação de modo crítico do filme “*Capitães da areia*”. A cartilha é composta de apresentação sobre o filme, contextualização do mesmo como produto cultural temporalmente situado, pelo arcabouço teórico para subsidiar a apresentação de *slides* e a sugestão de atividade com sessão de apresentação do filme em questão.

2.3 A cartilha

A cartilha “*necropolítica e capitães da areia: decolonizando o racismo por meio do cinema*” é um produto educacional no qual articula-se a temática do racismo, da necropolítica e da violência cotidiana com o universo criado por Jorge Amado na obra *Capitães da areia* (1937), adaptado para o cinema pela diretora Cecília Amado (2011). Objetiva-se dotar os professores atuantes nos anos finais do ensino fundamental e início

do ensino médio com um aporte material para aulas que tratem da temática da violência e racismo, temas cotidianos na vivência da sociedade brasileira.

A violência é um fenômeno social presente na sociedade brasileira, com inúmeros desdobramentos na vida da população em geral, ela se reflete também na comunidade escolar: nas agressões físicas aos membros da comunidade, dentro e fora do ambiente escolar, bem como na negação de direitos básicos como acesso a bens básicos com emprego, moradia, lazer, opções culturais e em extremo a vida. O racismo, visto aqui também como uma violência, marca a sociedade brasileira de diversas maneiras, quando se pensa no impacto da violência na vida dos brasileiros, uma das faces dessa violência é a desigualdade econômica, social e sobretudo racial que tem marcado a constituição da sociabilidade brasileira.

Busca-se na construção da cartilha, composta de textos, *slides* ou *cards* e proposta de atividades, ressaltar a importância de combater e debater o racismo e a violência, enfim, desnudar a necropolítica presente, cotidianamente e naturalizada na sociedade brasileira. Como relatado ao longo deste capítulo, a motivação para a construção deste trabalho deve-se a constatação da atualidade do racismo e da importância da Lei nº 10.639/2003 e das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana” (2004), que delegou a escola como um *lócus* de debate das questões étnico-raciais. Cabe citar também o papel vital das obras cinematográficas, que tem um potencial na catalisação do debate das questões raciais, bem como na formação de espectadores críticos. Lançar o olhar para o racismo, violência e necropolítica, usando obras como o filme *Capitães da areia* em aulas é um caminho no qual o docente do ensino básico envolverá seus educandos na construção de um pensamento crítico da realidade vivenciada diariamente. Objetiva-se que o produto seja usado em aulas com alunos do 9º (nono) ano do ensino fundamental e 1º (primeiro) ano do ensino médio, mas não apenas¹, agregado à prática docente, em especial, da grade curricular de Sociologia, Literatura e História, visto a realidade vivida pelos educandos que cotidianamente tem contato diversas mídias sociais, TV e redes sociais, em especial, no qual veicula-se notícias de violências. Dessa forma o professor deverá direcionar o olhar dos estudantes/espectadores

¹ Acredita-se na possibilidade de utilização do material apresentado no capítulo 4 em outros anos do ensino fundamental ou médio, científico ou profissionalizante, bem como na educação especial, na educação de jovens e adultos, nos anos iniciais do ensino superior, técnico ou tecnólogo, em espaços não formais de educação, enfim, a depender do perfil do público (educandos) e da necessidade apresentada pelo entorno.

para uma análise dessa realidade, indagando questões com: qual a relação entre as mortes de jovens na cidade e o racismo? Como as obras literárias, os filmes (capitães da areia), séries, músicas (como *A Carne* de Elza Soares) lidam essa temática? Por que as vítimas são majoritariamente negras? Como o Estado (Prefeitura, Governo Estadual e Federal, o Poder Judiciário, a Polícia) atuam nesta problemática? São questionamentos que a cartilha visa levantar e contribuir na discussão.

Os objetivos do produto são discutir sobre o racismo e violência, estimular o uso do cinema tendo vista a importância deste debate na realidade da cidade de Coaraci. O problema do produto situa-se justamente em como articular este debate da questão étnico-racial e da violência em aulas tendo em vista a importância da Lei nº 10.639/2003 e das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana” (2004) e o uso do cinema e outros produtos culturais que os jovens têm acesso na sua experiência cotidiana.

Cabe também ressaltar a escolha do universo amadiano, pois falar de Jorge Amado é citar uma das maiores vozes sobre o Brasil. Escritor de vasta obra, amplamente adaptado em diversos meios e linguagens, a obra de Jorge Amado é um patrimônio nacional, em especial para a região sul da Bahia, pois ela simboliza a inserção da terra *grapiúna* no cenário mundial. A região é palco de diversas obras do autor, nascido na cidade de Itabuna, sendo representada com sua alegria e dores, a desigualdade social, a riqueza do cacau, apenas citando aspectos amplamente abordados em inúmeros romances do autor. Em relação ao romance *Capitães da areia*, foi determinante para a escolha da obra o fato de a temática envolver adolescentes em situação de abandono, são personagens que vivem situações de violências cotidianas. Mesmo que o livro retrate outro contexto histórico e outro espaço geográfico, os temas que relacionam violência e juventude aparecem com riqueza na referida obra de Jorge Amado. Desse modo, um ponto de destaque para essa escolha é a proximidade do universo da obra com os estudantes, afinal assim como os personagens, os possíveis espectadores também são jovens. Entretanto não somente uma possível identificação dos estudantes foi levando em consideração, temáticas como a desigualdade social, econômica e racial, a violência em desdobramento desta, foram preponderantes na escolha do filme homônimo para a construção da cartilha aqui defendida. Em síntese, o produto aqui apresentado visa contribuir de forma objetiva no debate da violência e do racismo por meio do conceito de necropolítica articulado a partir do universo de Jorge Amado e de seus capitães da areia. Trata-se de um debate de vital importância, pois busca articular de forma didática temas

complexos como a violência e o racismo de forma a traduzir e fornecer bases materiais para o público de professores atuantes no ensino básico na região sul da Bahia, sendo uma metodologia que articula o uso de diversas linguagens, literatura, cinema e música, imbricada com referenciais teóricos complexos como racismo, a necropolítica e a violência, visando ser facilmente aplicável e adaptável, além de estar conectada a atualidade do cenário da questão racial. No próximo capítulo, apresenta-se a base conceitual utilizada na construção do referencial teórico da cartilha.

3. CAMINHO DE DEBATE PARA “CAPITÃES DA AREIA”: RACISMO, VIOLÊNCIA E NECROPOLÍTICA

Neste capítulo empreendemos a análise das bases conceituais e metodológicas do produto educacional construído na forma de cartilha. Num primeiro momento, definimos os conceitos fundamentais trabalhados no produto e, em seguida, analisamos o livro e o filme homônimo para, por fim, delimitar a proposta metodológica da cartilha.

3.1 Violência, racismo e necropolítica

As noções de violência, racismo e necropolítica base conceitual do presente trabalho, estão intrinsicamente entrelaçadas, visto a constatação de que não se pode analisar os fenômenos da violência, material, simbólica, subjetiva ou objetiva, sem entendermos, conforme Zizek (2014), a *tecnologia de poder* expressa no racismo, e segundo Foucault (1999), as implicações no direcionamento da soberania do Estado moderno expressa aqui no conceito de necropolítica, concebido por Achille Mbembe (2016).

Entendemos que o racismo e a violência se ligam pelo exercício do poder de tal forma que as expressões e manifestações dos fenômenos são sentidos em múltiplos setores da vida cotidiana, a violência como denuncia o filósofo Slavoj Zizek (2014, p.23-24), no seu potente livro *Violência*, deve ser identificada para além das formas evidentes e concretas vivenciada pela sociedade. O autor evidencia a noção de violência sistêmica como “a violência inerente a um sistema: não só a violência física direta, mas também das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e de exploração, incluindo a ameaça de violência”.

A violência, assim como racismo, aqui também visto como uma forma de violência, deve ser lida de forma complexa e estrutural, vemos isso na vivência dos personagens do livro *Capitães da Areia* e também do filme homônimo, que a vivenciam em várias dimensões, conforme Juliana Machado de Brito (2016), a violência da desigualdade social, religiosa, institucional, tortura, para citar algumas estão presentes na narrativa amadiana. Os dados da violência e as notícias utilizadas na cartilha também reforçam o caráter sistêmico da violência e do racismo, assim, para além dos homicídios

devemos entender as outras agressões que formam a “engrenagem social de dor e morte” como ressalta Silvio Almeida (2019, p. 124), “a expulsão escolar, a pobreza endêmica, a negligência com a saúde[...] a interdição da identidade negra[...], juntamente com o sistema prisional...”, são expressões do exercício do poder estatal, que regula a vida das populações modernas no limite da precarização e da morte.

O racismo surge neste cenário, como assevera Silvio Almeida (2019), com base no pensamento de Michael Foucault (1999) e Achille Mbembe (2016), com a função de fragmentar e estabelecer hierarquias entre os “superiores e inferiores” os “que merecem viver e os que merecem morrer”, a morte dos inferiores não causam comoção, não gera luto como aponta Judith Butler (2020), uma vez que a morte é aceitável, como também ressalta Silvio Almeida (2019, p. 115) a “morte do outro — visto não como meu adversário, mas como um degenerado, um anormal, pertencente a uma ‘raça ruim’.” O conceito de racismo que adotamos então é o de *racismo estrutural*, elaborado pelo filósofo e advogado Silvio Luiz de Almeida, na sua obra *Racismo Estrutural* (2019) em que apresenta o caráter sistêmico do racismo

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. **O racismo é estrutural.** Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo **racismo é regra e não exceção.** (ALMEIDA, 2019, p.50, *grifos meus*)

Conforme Almeida (2019), o racismo deve ser entendido como um dado fundante das relações sociais e institucionais de uma sociedade marcada pela desigualdade social, no qual o Estado atua na administração e distribuição dos bens socioeconômicos. Nesse cenário, as noções de raça e racismo surge como marcadores de acesso aos privilégios, com base no pensamento do filósofo francês Michel Foucault, o autor destaca que o

O racismo é **uma tecnologia de poder**, mas que terá funções específicas, diferente das demais de que dispõe o Estado. Foucault nos conta que, desde o século XIX, **os sentidos da vida e da morte ganham um novo status.** As mudanças socioeconômicas ocorridas a partir do século XIX impõem uma mudança significativa na concepção de soberania, o que deixa de ser **o poder de tirar a vida para ser o poder de controlá-la, de mantê-la e prolongá-la.** (ALMEIDA, 2019, p.114, *grifos meus*)

Enquanto *tecnologia de poder* o racismo é instrumento fundamental para o estado moderno, neste sentido os conceitos de *Necropoder* e *Necropolítica*, desenvolvidos pelo filósofo Camaronês Achille Mbembe (2016) avança ao demonstrar a íntima relação entre o exercício do poder e o domínio dos corpos, notadamente dos corpos negros. A soberania

é exercida na determinação de quem importa ou não, Mbembe (2016, p. 135) nos lembra que “ a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é”, assim a necropolítica é definida pelo autor com a expressão máxima da soberania ditando “quem pode viver e quem deve morrer”, sendo o colonialismo e a colonialidade como aponta Silvio Almeida (2019), exercidos com base na gestão da vida. O autor nos aponta que

O colonialismo não mais tem como base a decisão sobre a vida e a morte, mas tão somente o **exercício da morte**, sobre as formas de ceifar a vida ou de colocá-la em permanente contato com a morte. Não se trata somente do biopoder e nem da biopolítica quando se fala de experiência do colonialismo e do apartheid, mas daquilo que Achille Mbembe chama de necropoder e necropolítica, em que guerra, política, homicídio e suicídio tornam-se indistinguíveis. (ALMEIDA, 2019, p.117, *grifo meu*)

O exercício da morte, como sinaliza Silvio Almeida (2019), é refletido nos altos índice de homicídios registado nos últimos anos no país. A análise do perfil das vítimas revela o viés racista do necropoder, como apontam Nilma Lino Gomes e Ana Amélia de Paula Laborne (2018 p. 7): “negros e negras sofrem enormes disparidades em diversos setores da vida social”. Seja no acesso ao mercado de trabalho ou à educação de qualidade, na distribuição de renda e na representação política, sabemos que a necropolítica não é só matar, mas deixar morrer e não fornecer condições de vidas dignas a parcelas da população.

Buscamos neste trabalho e no desenvolvimento do produto aqui defendido articular e demonstrar na prática como os três conceitos aqui apresentados – a violência, o racismo e a necropolítica – são vivenciados diariamente na sociedade brasileira. Para tanto, e conforme a proposta do material apresentado na cartilha, na próxima seção analisaremos o livro *Capitães da areia* no universo amadiano.

3.2 Os capitães da areia na obra amadiana

Triste espetáculo das ruas da Bahia, os capitães da areia. **Nada existe que eu ame com tão profundo amor quanto estes pequenos vagabundos**, ladrões de onze anos, assaltantes infantis, que os pais tiveram de abandonar por não ter como alimentá-los. Vivem pelo areal do cais, por sob as pontes, nas portas dos casarões, pedem esmolas, fazem recados, agora conduzem americanos ao mangue. **São vítimas**, um problema que a caridade dos bons de coração não resolve. (Amado, 2012, p. 186, *grifos meus*)

A obra do escritor baiano Jorge Amado (1912-2001) é um patrimônio cultural do Brasil moderno do século XX, país marcado pela contradição do desenvolvimento em

termos econômicos, mas que viveu conturbações políticas e sociais, com destaque para a enorme desigualdade e exclusão de grande parcela da população, notadamente os descendentes dos escravizados libertos no final do século XIX. O Brasil de Jorge Amado guarda seus contrastes em uma escrita que celebra uma cultura tropical e denuncia as mazelas sociais.

Tido como o “inventor do Brasil” por João Ubaldo Ribeiro (2012) e como “artista da mestiçagem” na visão de Lilia Schwarcz (2009), Jorge Amado tem uma vasta produção literária e imensuráveis adaptações e traduções, nas suas fases, como descarta Ilana Goldstein e Lilia Moritz Schwarcz (2009), o autor sempre esteve “movido pela utopia de pensar e reinventar o Brasil²”, seja na fase de jovem militante atuante no Partido Comunista do Brasil (PCB) ou na fase madura, após a dissidência com o partido.

Capitães da areia (1937), romance da primeira fase do autor, então militante do Partido Comunista do Brasil,³ foi escrito no alvorecer do Estado Novo na década de 1930. O livro tem como cerne a denúncia da realidade degradante vivida por jovens abandonados, como sinaliza o autor na citação que abre esta seção, por condições de dificuldades de seus pais, entre outras causas, o caráter estrutural desses problemas é a principal ponto que reforça a atemporalidade do romance.

Como assevera Bárbara Cecília dos Santos Neves (2013), a marginalização das crianças e adolescentes e o caráter realista são os principais pontos fortes da narrativa amadiana em *Capitães da Areia*. Outra questão fundamental para a autora são “os conflitos existenciais de quem ainda na fase de desenvolvimento, precisa ter maturidade para enfrentar a exclusão social, buscando na organização grupal, criar mecanismos para adquirir meios de sobrevivência” (NEVES, 2013, p. 46).

Ao longo do romance o autor constrói uma trajetória na qual os personagens adquirem “consciência de classe”, são heróis coletivos, a greve surge como momento vital, vale lembrar que no final Pedro Bala, protagonista, torna-se sindicalista. Como sinaliza Luiz Gustavo Freitas Rossi (2009, p. 110) em relação a questão racial nesta

² Apesar de tratar de diversos temas ligados a mestiçagem é preciso sinalizar a invisibilização dos povos indígenas nas obras do autor, fato relevante dado a presença marcante de povos indígenas na região sul da Bahia, neste sentido entendemos como Lima e Almeida (2010), que o silêncio sobre os povos indígenas reforçam a exclusão e violência vivenciada desde o início da colonização portuguesa em 1500 .

³ Angela Davis, no livro “Mulheres, raça e classe” no capítulo “Racismo no movimento sufragista” empreende uma crítica ao modo como parte do movimento progressista por vezes atua de modo racista. É preciso levar em conta o caráter estrutural do racismo, assim o combate a opressão racial não deve se limitar a críticas a comportamentos individuais ou institucionais, faz-se necessário apontar as estruturas sociais que fundamentam o racismo enquanto marcador de acesso aos bens socioeconômicos e culturais, ser antirracista é lutar contra o sistema social racista e por condições dignas de vida para toda a população negra.

primeira fase: “Jorge Amado parece trabalhar com a ideia de que não se é negro, mas se está negro”. E na sequência o autor continua:

Em *Capitães da Areia*, através da saga de Pedro Bala e seu grupo de meninos de rua, esse modo de Jorge Amado trabalhar a questão racial, articulada às posições que seus personagens ocupam no universo social e cultural, parece ganhar contornos ainda mais nítidos na medida em que coloca como protagonista um menino fisicamente branco. A trajetória de Pedro Bala e sua luta diária para sobreviver nas ruas de Salvador dramatizam um processo de aprendizado no qual seu contato com o ‘povo do candomblé’ revela-se o momento chave para que consiga encontrar um sentido de luta e militância, resultando em um movimento ‘enegrecedor’ do personagem no âmbito social (Rossi, 2009, p.110)

Bárbara Neves (2013, p.46) realça também a questão das práticas de crimes que é ressignificada pela visão do autor, assim “a prática criminal é percebida pelo autor como resposta ao descaso social ao qual essas crianças e adolescentes são submetidos”. Dessa forma, Jorge Amado faz do seus capitães porta-vozes de temas como a exclusão social, defensores da religiosidade afro-brasileira, desnudam a exploração dos trabalhadores, apresentam os conflitos com relação do papel da família, da violência e tortura em espaços de proteção de menores, da falta de assistência médica, violência sexual e afetiva entre outras vertentes que podem ser exploradas no livro (HOGRAFE e DA CUNHA, 2015).

Por fim, cabe ressaltar a atualidade do livro, passados mais de oitenta anos de seu lançamento, *Capitães da Areia*, continua sendo um retrato de um Brasil desigual, violento no qual o *necropoder* exerce sua soberania sobre os corpos, seus personagens habitam nas grandes e médias cidades de todo o país, são os marginalizados da sociedade. Tal atualidade, que poderia ser entendida como continuidade, revela perfeitamente a força do racismo estrutural descrito por Silvio de Almeida. Na próxima seção analisamos a adaptação homônima da cineasta Cecília Amado (2011), que será utilizado como base material para análise do problema estrutural representado pela tríade violência-racismo-necropolítica.

3.3 Os capitães da areia na adaptação cinematográfica

A adaptação cinematográfica do romance *Capitães da Areia* realizado pela diretora Cecília Amado, neta do escritor Jorge Amado, no ano de 2011 próximo ao centenário de nascimento do autor, é uma narrativa que guarda a essência da história de 1937. O filme tem como núcleo principal as vivências dos capitães da areia, grupo de meninos e adolescentes que vivem em situação de abandono e, para sobreviver diante da

situação de abandono e vulnerabilidade, praticam uma série de delitos na cidade de Salvador.

Como apontam Renata Paltrinieri Hograefe e Maria Zilda da Cunha (2015), a respeito do filme de Cecília, a narrativa fílmica guarda alguns pontos de fidelidade ao romance tendo “passagens da obra de partida, mas dentro de outro enfoque, apresentando assim um projeto político e estético diferente”. Sabe-se das diferenças entre a literatura e o cinema, apesar de similaridades e elos, conforme Linda Catarina Gualda (2010), uma visão que busque uma fidelidade literal seria “a-histórica, subjetiva e redutora”, entretanto, ao optar por mudanças na visão e do tom político dado por Jorge Amado no romance, a diretora transformou a narrativa em uma mera fabula romântica individualista.

No filme, **não se opta pelo combate à desigualdade social** pelo engajamento político dos excluídos, veia central do romance, **e os holofotes se voltam para a história de amor de Pedro Bala e Dora**. Portanto, enquanto no romance, a constituição do sujeito Pedro Bala se dá pela vivência de experiências coletivas voltadas para a inserção dos excluídos, no filme, através das escolhas estéticas, do roteiro e dos recortes, **potencializa-se a experiência individual e amorosa** de Pedro Bala. (HOGRAEFE e DA CUNHA, 2015, p. 81, *grifos meus*)

A escolha de deslocamento do ano de passagem do filme para década de 1950, fato que, conforme a diretora Cecília Amado⁴, visava “fugir do contexto político”, é mais um elemento que descaracteriza e afasta a narrativa fílmica do projeto de engajamento e denúncia empreendido no romance de 1937, trata-se de um reforço da fase posterior da obra amadiana, no qual o autor se rende as relações culturais, no entanto, a fase “revolucionaria” do autor deve ser valorizada por sua perspicácia e crítica social. Assim, ainda conforme a diretora em entrevista concedida ao canal da Revista do Cinema Brasileiro da TV Brasil⁵, opta-se pelo “Jorge Amado que trouxe uma visão do Brasil alegre, da alegria do povo brasileiro”. No entanto, a miséria não é um mero detalhe na vivência dos capitães da areia originais, é se não o ponto fundante da narrativa, o caráter estrutural da miséria, da desigualdade social e da violência são os motores das aventuras dos personagens do romance, mas no filme de 2011, como ressaltam Hograefe e Da Cunha (2015, p. 82):

⁴ Fala retirada da entrevista da cineasta Cecília Amado à revista Caros Amigos. <http://www.carosamigos.com.br/index.php/cultura/2626-entrevista-cecilia-amado-fala--sobre-a-producao-do-filme-capitães-de-areia>. Acesso em: 01 mai. 2020.

⁵ Fala retirada da entrevista de vídeo da cineasta Cecília Amado à Revista do Cinema Brasileiro. <https://www.youtube.com/watch?v=iwDSROFsYi8>. Acesso em: 02 mai. 2020.

Há uma espécie de planificação dos capitães, pois em sua maioria são retratados como **pequenos malandros que cometem delitos por diversão**. No romance, há, por grande parte dos meninos, a superação de sua condição inicial de exclusão. No entanto, na adaptação, os personagens permanecem inalterados no seu espírito já que não se alteram com as experiências vividas [...] **os personagens não crescem paulatinamente com suas experiências**. O filme, portanto, passa a impressão de que tudo está em movimento, mas, no fundo, **nada muda**[...] (HOGRAEFE e DA CUNHA, 2015, p. 82, *grifos meus*)

Neste quadro de (re)construção superficial da narrativa em relação ao romance, o filme de Cecília Amado tem o mérito de reunir um elenco não profissional, mas devido a sua representatividade torna-se o melhor aspecto da montagem somado a trilha sonora. No mais o filme peca por sua visão romantizada dos problemas social levantados por Jorge Amado, como já apontamos ao longo deste texto. Apesar disso, o filme se apresenta com forte potencial atrativo, não apenas por atualizar cenários e permanência de problemas sociais rasamente abordados, mas por dialogar com o público jovem e, sobremaneira, com o público jovem do interior da Bahia, que vê na capital do estado e nas suas belezas e mazelas uma fonte de representatividade cultural, para além do velho contexto das riquezas (e pobreza) do cacau da obra amadiana recorrentemente utilizadas para dialogar com nossa região. Esse também foi um dos motivos da escolha do filme para a cartilha, a necessidade de representatividade e, ao mesmo, tempo de análise crítica e decolonial de material próximo à vivência dos jovens do interior da Bahia, sobremaneira do município de Coaraci, onde a obra de Jorge Amado é recorrentemente exaltada.⁶ Abordaremos a seguir com mais detalhes a proposta metodológica da cartilha para, na sequência, apresentar o material produzido.

3.4 Proposta metodológica da cartilha “Necropolítica e Capitães da Areia”

A cartilha “Necropolítica e Capitães da Areia” enquanto produto educacional visa fomentar e subsidiar o debate em aulas do ensino básico sobre o racismo, violência e necropolítica, como já citado no capítulo inicial, para tanto, utiliza-se uma construção metodológica orientada pela visão investigativa do problema proposto. O conteúdo trabalhado na cartilha busca induzir de forma crítica a construção pelos

⁶ Em 2012, no Colégio Almakazir Gally Galvão, participei de um projeto cultural e pedagógico em homenagem ao centenário de nascimento de Jorge Amado, foram exibidos filmes, encenados trechos de romances e adaptações de novela, além de palestra sobre o romance “Gabriela, Cravo e Canela”, entre outras ações. Tais atividades e exaltações são recorrentes e, via de regra, localizam e relacionam a região sul da Bahia apenas com a temática do cacau na obra de Jorge Amado.

estudantes/espectadores de um conhecimento qualificado da realidade questionada, assim a didática é direcionada para uma participação ativa dos estudantes, estimulados a formarem opiniões singulares a respeito do conteúdo. Pode-se discordar ou concordar com a perspectiva do professor/mediador, entretanto o contraponto ou concordância deve ser fundamentada de forma qualificada. A interpretação torna-se vital na geração do sentido/conhecimento que o professor/mediador busca direcionar, esta competência, visão qualificada da realidade, é o principal resultado alcançado pela metodologia que defendemos. Partimos do ideal defendido pelo professor e historiador Luiz Carlos Villalta, em ensaio, o professor Villalta assevera que a metodologia da investigação

A metodologia da investigação, possuindo aqueles elementos comuns ao **processo cognitivo desenvolvido fora e dentro da escola (problematização, busca de soluções, descoberta)**, interessa porque permite aos alunos aprender mais facilmente a história. Nessa segunda visão, portanto, recorre-se à metodologia da investigação para atingir um objetivo didático, para facilitar a aprendizagem do aluno — em uma palavra, no processo pedagógico, segundo essa perspectiva, **a metodologia da investigação não constitui um fim**, mas um meio através do qual se acessa mais facilmente ao conhecimento histórico constituído. (VILLALTA, s/d, p. 5-6, *grifos meus*)

A metodologia da investigação deve ser vista como um meio de construção e reconstrução do conhecimento, sendo os estudantes parte ativa neste processo. Neste sentido a cartilha, aqui defendida, foi pensada para ser um meio pelo qual pode-se desenvolver aulas sobre a temática proposta utilizando *cards impressos* ou *slides* numa sequência didática que busca a construção do conhecimento pelos educandos e educandas, o conhecimento é formado por meio da análise e exposição de dados estatísticos, de dispositivos audiovisuais, como músicas, além de notícias cotidianas.

A construção da cartilha foi orientada para o uso na cidade de Coaraci, os dados levantados e apresentados ao longo do produto estão situados na realidade da sociedade coaraciense. Entretanto o método e aplicabilidade desenvolvida pode ser adaptado a diversas realidades levando-se em conta as particularidades da realidade na qual se insere os estudantes/espectadores, ponto de partida sobre a qual se construirá a abordagem. Dessa maneira o primeiro passo é identificar a realidade do público alvo, qual a idade, condição socioeconômica, onde moram, como se identificam etnicamente, sexualmente entre outros aspectos fundamentais para o direcionamento da abordagem da discussão. O planejamento com a definição dos objetivos deve ser traçado com criatividade e objetividade.

Por exemplo, o processo de construção da nossa cartilha começou com a análise do livro e filme que seriam utilizados, no caso *Capitães da areia* e sua adaptação. Nessa etapa levantamos os principais temas e assuntos tratados na narrativa, a partir desse diagnóstico, traçados os objetivos e recorte, decidindo qual o direcionamento seria utilizado para tratar do tema escolhido, violência e racismo, definido o tema partimos para coleta de dados e notícias sobre a violência e o recorte racial. Em seguida foi feita a confecção dos *slides* ou *cards*, vídeos e textos orientadores formadores do conjunto da cartilha.

Como pode-se entender a coleta de dados estatísticos, notícias, músicas e a escolha do filme a ser trabalhado precisa levar em consideração a realidade da turma, sendo as escolhas das abordagens e recortes dos dados coletados devem direcionar e estimular a reflexão dos estudantes/espectadores para a questão proposta. Como exemplo, cito a escolha da música “A Carne” interpretado pela cantora Elza Soares⁷ (2002). Utilizada no produto, a letra da música tem um teor muito crítico da vivência dos negros brasileiros, assim visa-se impactar os estudantes/espectadores com versos como “a carne mais barata do mercado é a carne negra” ou “e esse país vai deixando todo mundo preto”. A potência desses versos sintetiza a condição da população negra na sociedade brasileira. Em seguida notícias de crimes e incidentes violentos são apresentados para destacar a cotidianidade da violência.

Esses são os primeiros passos apresentados antes da exibição do filme, na sequência da sessão, preferencialmente em dias separados deve ser realizado a discussão e a apresentação dos dados da violência na cidade. Todo esse movimento foi planejado para que os estudantes/espectadores sejam estimulados a reflexão das conexões da realidade vivenciada por eles e pelos capitães da areia, bem como operam empiricamente conceitos como o racismo, violência e necropolítica.

O professor/mediador que deseja replicar e adaptar a abordagem da cartilha precisa coletar dados em fontes como o DataSus, notícias em blogs locais sobre fatos

⁷ Responsável por uma vasta discografia e diversas premiações relevantes (quatro *Grammy Latino*, dois *WME Awards*, um Doutorado *honoris causa*, entre outros), Elza Soares, hoje com 90 anos, segue não apenas compondo, cantando e se apresentando, apesar das dificuldades, mas representando a voz da mulher e da população negra brasileira na música nacional que, segundo diversos críticos, recentemente se reinventou com os álbuns “A mulher do fim do mundo” (2015), “Deus é mulher” (2018) e “Planeta fome” (2019). Elza Soares segue firme como exemplo e inspiração para a musicalidade brasileira e para a negritude deste país. A escolha da música em questão para a cartilha não foi, portanto, mera coincidência.

ocorridos próximo aos estudantes, escolher músicas, enfim criativamente buscar conteúdos que possam estimular uma visão crítica dos estudantes para os fatos de sua realidade cotidiana, os produtos culturais: filmes, séries, músicas etc. podem e devem ser indutores desse direcionamento. Sabemos que, em grande parte pela baixa remuneração, fruto histórico de um projeto de “deseducação nacional”, os professores raramente possuem tempo para investir no desenvolvimento de pesquisas e na construção de atividades específicas, diferenciadas e mais próximas de seus e suas estudantes.

Em síntese, a metodologia proposta visa a promoção do conhecimento por meio do direcionamento que parte da realidade para a análise dos conteúdos e conceitos. Isso implica que os professores/mediadores formulem situações localizadas na realidade dos estudantes e, a partir desta situação, de forma gradual, construam junto com os estudantes uma versão particular do conceito analisado. Dessa maneira, o caminho a ser percorrido é do particular para o geral, sendo este último uma versão própria do discurso/conhecimento. Contudo, acredita-se que o produto aqui apresentado, a despeito de conter em si um método passível de replicação, configura-se como produto educacional finalizado para a população escolar (formal e não formal) de Coaraci-BA, para a juventude desse município do qual faço parte e no qual tenho observado diversas histórias de jovens negros, assim como eu, que experenciam a violência, principalmente ao se envolverem com o mundo das drogas. A violência endêmica na sociedade brasileira, está presente também em Coaraci e deve ser questionada por todos os cidadãos que almejam um país mais justo e equânime.

No próximo capítulo apresenta-se a cartilha em si, material autoral em formato de livreto com um conjunto de *slides* ou *cards* para impressão, um produto pensado para ser um objeto educacional separado desta dissertação, mas aqui apresentado como parte dela, uma vez que é parte e resultado da pesquisa desenvolvida. Na cartilha apresentamos de forma simples, adaptada para rápida consulta em contexto escolar, a discussão até aqui levantada, a construção deste produto visa ser um caminho de debate e construção do conhecimento. Trata-se de um material para rápida consulta do docente em atividade a ser desenvolvida com seus educandos, tendo como base a temática aqui apresentada: caminhos para uma educação antirracista pelo enfrentamento da realidade necropolítica a partir de experiência com o uso de filmes em sala de aula. Desse modo, nas páginas seguinte, no capítulo 4 do presente trabalho, apresentamos a cartilha direcionada ao professor, com material produzido voltado aos educandos, para utilização em sala de aula.

WADSON SANTOS SOUZA

**CARTILHA
NECROPOLÍTICA
E
CAPITÃES DA AREIA**

Decolonizando o racismo
por meio do cinema



**Francismary Alves da Silva
ORIENTADORA**

4. CARTILHA NECROPOLÍTICA E CAPITÃES DA AREIA

4.1 Apresentação

Debater sobre o racismo *estrutural* e a violência na sociedade brasileira não é uma tarefa fácil. A realidade da sociedade brasileira, com alarmantes dados sobre a violência e a desigualdade social, revela a urgência da discussão desta temática nos espaços educativos formais e não formais.

A cartilha “Necropolítica e Capitães da Areia” busca subsidiar o debate sobre a temática racial a partir dos dados sobre a violência dos anos 2015 a 2017, na cidade de Coaraci, situada na região sul do estado da Bahia. Empreende-se tal tarefa usando como ponto de partida o universo ficcional do filme Capitães da Areia, adaptação homônima da diretora Cecília Amado do romance Capitães da Areia do escritor baiano Jorge Amado (1937).

Visa-se, por meio de uma metodologia investigativa, estimular a reflexão dos temas da violência e do racismo no Brasil, tendo como arcabouço conceitual a noção de “necropolítica” desenvolvida pelo filósofo Achille Mbembe. Decerto que ao longo desta cartilha encontrara-se um caminho para o debate que pode ser feito de maneira multidisciplinar por meio das matérias de geografia, educação física, literatura, português, história, filosofia entre outras, dessa forma os resultados alcançados poderão ser mais abrangentes e duradouros.

4.2 O cinema e o ensino

As obras cinematográficas possuem grande potencial para o uso em aulas do ensino básico. Como produto cultural, os filmes e demais produtos audiovisuais são dotados de conteúdos explícitos e implícitos do ambiente social em que foram produzidos, dotar os espectadores/estudantes com habilidades de análise crítica para desvelar as intencionalidades e nuances dos produtos consumidos cotidianamente via redes sociais e demais tecnologias da informação deve ser uma meta da educação.

O cinema deve ser visto como um instrumento de aproximação dos conteúdos curriculares com a realidade dos educandos. Na cultura da imagem, aprender a ler imagens em movimentos entre outras formas de conteúdos cognitivos é um imperativo para uma formação crítica, complexa, completa e cidadã, assim, produtos audiovisuais devem ser parte integrante do cotidiano escolar, fortalecendo o desenvolvimento da formação cognitiva e simbólica.

Os desafios ao uso de filmes em aulas, tais como: pouco tempo disponível, falta de equipamentos e dispersão da concentração ou desinteresse dos educandos, podem ser superados de diversas formas: junção de horários, projetos com mais de uma disciplina, organização de sessões em turnos opostos ou nos finais de semana, adoção de uma metodologia problematizadora dos conteúdos.

Por fim, para além do conteúdo visível, como já citado, o uso de filmes deve levar em conta os outros aspectos e abordagens dos conteúdos, sendo importante o direcionamento para informações importantes que escapam ao olhar no momento da fruição estética dos produtos culturais. Questionar e investigar deve ser um norteador das atividades com filmes, assim como qualquer outra ferramenta, fonte de pesquisa ou análise educacional. Especificamente no caso de obras cinematográficas, o professor torna-se um mediador do processo de discussão buscando inserir o ambiente da escola no “complexo da comunicação e da cultura de massa” (NAPOLITANO, 2018, p. 11).

4.3 Jorge Amado: o negro e a construção da baianidade

O escritor Jorge Leal Amado de Faria (1912-2001) é um dos grandes literatos do Brasil. Sua vasta obra é uma fonte de debate, por meio de sua escrita a imagem do país se construiu e reconfigurou ao longo do século XX, seus personagens são um espelho pelo qual os brasileiros se veem e o alcance internacional de suas narrativas levam o modo de ser brasileiro pelo mundo. A questão racial na obra amadiana surge já nos primeiros romances, década de 1930, perdurando, com variações, por toda obra do autor. A imagem de um país mestiço, tropical e sincrético sintetiza o universo amadiano. As obras da primeira fase do autor, neste período Amado era filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCB) sendo eleito deputado federal em 1946 pelo Estado de São Paulo, entre elas

Capitães da Areia (1937), possuem um forte tom revolucionário, o mundo social é fortemente direcionado para um desaguar de forte mudança social, via greves e um despertar de consciência para a luta contra as desigualdades sociais.

O autor sempre tratou as questões do negro vinculadas com as manifestações socioculturais tendo em vista a cultura afro-brasileira como elemento fundante da identidade do país. Assim a baianidade e a brasilidade, um modo particular do brasileiro de lidar com a vida social, marcadamente hospitaleiro, passional, festeiro e caloroso, ganha as páginas das narrativas do autor, considerado um intermediário cultural e inventor do Brasil moderno. De todo modo, a produção literária amadiana, possuidora do mérito de em um país que se nega racista tratar de temas sensíveis ligada a cultura afro-brasileira entre eles a religiosidade, não extrapola a realidade e por vezes reforça visões pejorativas sobre a população negra, a hiperssexualização das mulheres negras, submissão e elogio “rasgado da mestiçagem e do sincretismo”, dessa forma é preciso analisar os romances de maneira crítica, mesmo considerando o contexto histórico em que foram escritos.

4.4 Elza Soares, representatividade e militância

Elza da Conceição Soares, cantora brasileira do milênio conforme a BBC, é uma mulher admirável por seu talento e trajetória de vida, marcada pela violência doméstica, preconceito racial e perda de filhos. A representatividade da cantora no cenário cultural brasileiro prefigura-se de sua força e determinação. Elza, uma mulher negra, nascida numa favela, a Moça Bonita, do Rio de Janeiro, passou por inúmeros episódios trágicos, todavia sua atuação artística foi moldada por uma consciência de seu papel e pela luta contra a violência, sobretudo contra o corpo feminino, o racismo estrutural na sociedade brasileira e a miséria que assola camada expressiva da população do país.

Sua carreira de sucesso demonstra para milhares de negros e negras pobres que deve-se lutar por seus sonhos, pela justiça, por uma sociedade menos desigual e sobretudo por igualdade racial, numa sociedade na qual se nega o racismo, mas a riqueza de parte da sua elite é herança da exploração de parcela da população escravizada, posteriormente liberta sem inserção e reparação socioeconômica. Em síntese, Elza Soares, representa um Brasil, um “planeta fome” que luta e renasce como uma “fênix” todos os dias.

4.5 Necropolítica, racismo e violência no Brasil

Necropolítica é um fenômeno social que de forma conceitual vem sendo definida na obra do filósofo camaronês, Achille Mbembe. O termo descreve uma situação no qual o Estado por meio de suas ações e principalmente por suas omissões exercita a soberania definindo “quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2016).

O conceito abarca uma realidade social complexa no qual se imbricam a violência e o racismo, de forma estrutural numa sociedade como a brasileira marcada por clivagens socioeconômicas e elevada desigualdade social. Sendo assim, o acesso aos bens sociais revela posições privilegiadas na estrutura social. A violência, muitas vezes naturalizada neste cenário, deve ser entendida como expressão dessa forte desigualdade entre os membros da população.

Entrever os fenômenos do racismo estrutural, da violência e da necropolítica em suas interfaces exige uma reflexão sobre a sociedade brasileira, necessária para uma compreensão mais realista dos desafios impostos para a construção de um olhar crítico e para se apontar caminhos de saída para tal realidade.

Nos interessa aqui definir a necropolítica como o exercício do poder do Estado sobre parcela da população, notadamente negros e pobres, vítimas das violências, entendida como expressão estrutural da sociedade. Os dados que serão apresentados ao longo deste trabalho revelam as imbricações dos fenômenos, como já citado, bem como revelam a urgência do debate da violência que incide sobre a juventude brasileira.

4.6 Capitães da Areia: direcionando o olhar sobre a violência e o racismo

Capitães da Areia, narrativa de Jorge Amado, é um clássico da literatura nacional. O livro, publicado em 1937 num contexto de intensas mudanças sociais, políticas e literárias, tinha como principal característica a denúncia social sem, entretanto, perder-se em uma visão maniqueísta e idealizada da realidade. Ainda hoje o livro suscita o debate de questões sociais, como a violência, a fome, desigualdade social, abandono afetivo, aceitação sexual, entre outros temas sociopolíticos. Motivo pelo qual, obviamente, a obra merece ser lida, analisada, discutida em contexto educacional formal

e não formal. Sua adaptação para o cinema da diretora Cecília Amado, neta de Jorge Amado, enfrentou um grande desafio: dar vida aos capitães da areia. O filme homônimo produzido em 2011, sete décadas depois da primeira edição do livro, apesar de possuir uma visão superficial e sutil dos problemas abordados de forma visceral no romance, guarda a essência de denúncia a **violência social e do racismo estrutural** sofrido pelos personagens criados por Jorge Amado, sendo, guardadas particularidades ficcionais, a mesma realidade vivenciada por milhares de crianças, adolescentes e adultos que vivem em situação de rua.

Trabalhar em sala de aula ou em outros espaços educativos com o livro ou com o filme “Capitães da Areia” pode ser uma experiência de profícuo debate das múltiplas temáticas do universo amadiano. Optamos aqui por debater de forma predominante com o filme de Cecília Amado. Tendo como principal objetivo discutir as noções de violência, racismo estrutural e necropolítica com um público alvo de estudantes do ensino fundamental e médio. Discutir sobre violência, um tema cotidiano, complexo e “multicausal”, é um desafio a ser enfrentado com muita cautela. Múltiplas visões sobre o assunto são apresentadas em variadas fontes: nas redes sociais, nos livros, nos noticiários, nos filmes, nas músicas, nos poemas, nas conversas do cotidiano, enfim, em momentos diários da vida. Por isso, abordaremos a questão da violência e seu recorte racial a partir dos dados fornecidos pelo departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS) do Ministério da Saúde do Governo Federal.

A análise e discussão dos dados devem ser feitas em conjunto com a exibição do filme e visam, de forma didática, debater sobre a violência, cotidianamente vivida por toda população, em especial os jovens e segmentos menos favorecidos economicamente da população brasileira. O enfrentamento dessa realidade de brutal desigualdade e violência passa, inevitavelmente, pela informação e questionamento das causas de tal fenômeno social. No próximo tópico apresentamos a metodologia da sessão do filme.

4.7 Direcionando o olhar: uma metodologia

Para a exibição e debate do filme “Capitães da Areia” sugerimos a seguinte metodologia de debate e questões. Ao exibir o filme “Capitães da Areia”, visa-se debater

a temática da violência, do racismo e da necropolítica, com enfoque nas taxas de mortalidade da população de Coaraci, notadamente negro mestiça.

O debate torna-se premente ante a urgência de saídas para violência que assola o país. Considera-se importante o debate com o público jovem da temática, uma vez ser este um dos segmentos mais atingidos pela violência, sendo um dos primeiros passos para uma ação efetiva contra a violência e o racismo latente na sociedade brasileira.

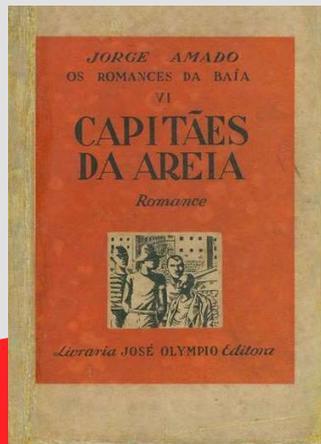
Como modo de abordagem sugerimos o uso do conteúdo em dois dias. No primeiro dia exhibe-se os primeiros slides e o filme, no segundo dia faz-se a análise do conteúdo do filme. A seguir apresentamos os slides:

Slide 01



Slide 02

Ficha técnica



Título:
Capitães da Areia
Autor:
Jorge Amado
Ano de lançamento:
1937
Páginas:
296

Capa original de 1937

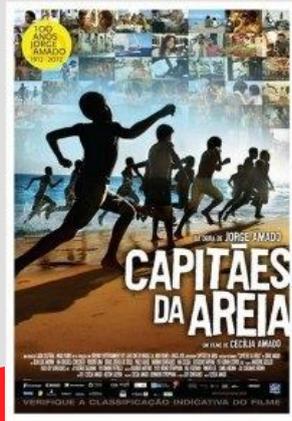
Slide 03



Foto montagem

Slide 04

Ficha técnica



Pôster do Filme Capitães da Areia

Classificação indicativa: 14 anos

- ❖ Ano e local de produção:
2011 no Brasil
- ❖ Duração: 1h 36min
- ❖ Direção:
Cecília Amado e Guy Gonçalves
- ❖ Roteiro:
Cecília Amado e Hilton Lacerda
- ❖ Produção:
Donald Ranvaud
- ❖ Baseado no livro homônimo de Jorge Amado

Slide 05

Capoeira Futuro Carlinhos Brown



Carlinhos Brown (Cantor)



Ficha técnica

Título: Capoeira Futuro;
Ano: 2011;
Duração: 1:33;
Composição: Carlinhos Brown;
Intérprete: Carlinhos Brown;

Slide 06

A Carne

Elza Soares



Elza Soares (Cantora)

Ficha técnica

Título: A Carne;
Ano: 2002;
Duração: 3:39;
Composição: Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti;
Intérprete: Elza Soares;
Gravadora: Maianga.

Slide 07

MENU G1 BAHIA Q BUSCAR

Cartaz para alertar sobre violência em bairro de Salvador é colado em ponto onde homem foi baleado: 'Cuidado, zona de assalto'

Moradora que colou cartaz disse que é comum crimes no bairro. Comerciante da região disse que já prestou 19 queixas por arrombamento.

Por Victor Silveira, Andréa Silva, TV Bahia
24/04/2019 09h18 · Atualizado há 8 meses

f t w l p

Data 24/04/2019
Fonte: G1
<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/04/24/cartaz-para-alertar-sobre-violencia-em-bairro-de-salvador-e-colado-em-ponto-onde-homem-foi-baleado-cuidado-zona-de-assalto.html>

Slide 8

Início / Geral / Mulher morre ao olhar tiroteio na janela de casa em Salvador

Geral Salvador

Mulher morre ao olhar tiroteio na janela de casa em Salvador

29 de novembro de 2019



Foto: Yellaw Muniz/CORBIS

Data: 29/11/2019
Fonte: Mídia Bahia
<https://midiaBahia.com.br/mulher-morre-ao-olhar-tiroteio-na-janela-de-casa-em-salvador/>

Slide 9

MENU G1 BAHIA Q BUSCAR

Três suspeitos de tráfico morrem após confronto com policiais e armas são apreendidas na Bahia

Caso ocorreu na cidade de Coaraci, no sul da Bahia. Homens chegaram a ser socorridos, mas não resistiram, diz SSP.

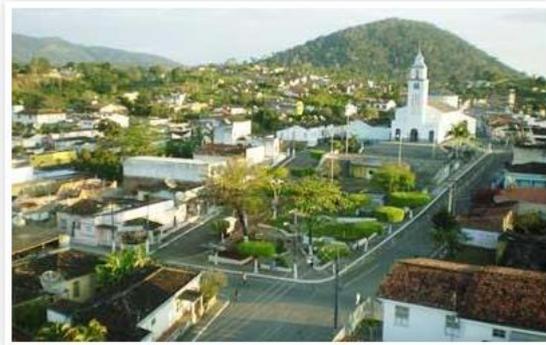
Por G1 BA
03/11/2019 17h32 - Atualizado há 6 dias

f t w i p

Data: 03/11/2019
Fonte: G1
<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/11/03/tres-suspeitos-de-trafico-mo-rem-apos-confronto-com-policiais-e-armas-sao-apreendidas-na-bahia.ghtml>

Slide 10

POLÍCIA INVESTIGA TRIPLO HOMICÍDIO EM COARACI



14 NOV 2019 NOTÍCIAS ATUAIS

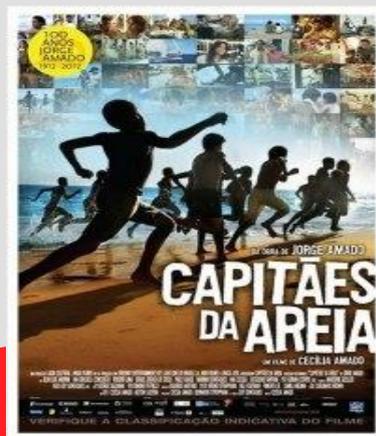
Data: 14/11/2019

Fonte: O Tabuleiro

<https://www.otabuleiro.com.br/>

Slide 11

Início da sessão do filme



Pôster do Filme (2011)

Slide 12

Direcionando o olhar

Questões para discussão

Slide 13

Apresentando alguns personagens

**Alguns dos Capitães
por
Jorge Amado**

Slide 14

Notícias dos capitães

**Salvador vive dias
conturbados
denuncia jornal...**

Slide 15

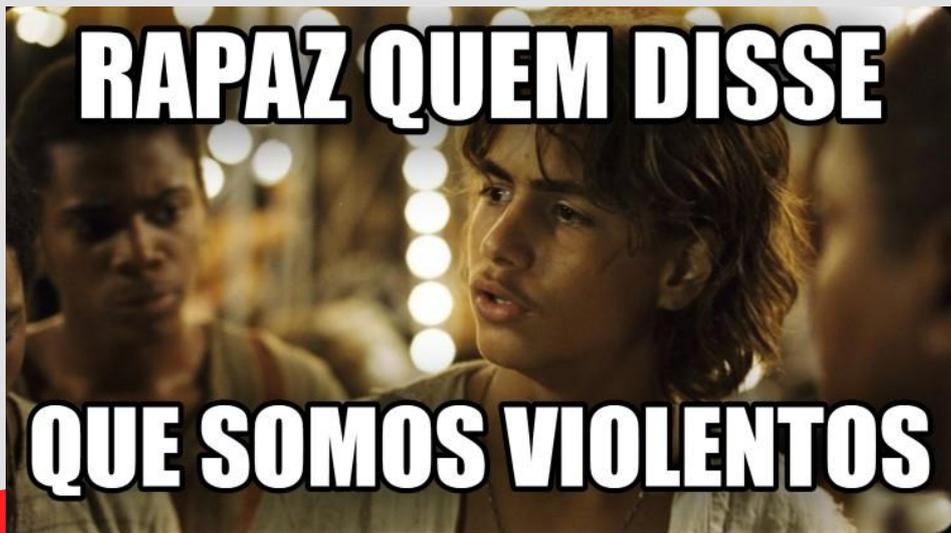


Foto montagem

Slide 16



Charge de Bruno Galvão (2012)

Slide 17

79,47%
dos
coaracienses
são negros
mestiços



Fonte: Censo 2010 / IBGE
<https://ibge.gov.br/>

Slide 18

NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS EM COARACI (2015-2017)



Dados disponível pelo DataSus mostram uma queda no período analisado. Mas a persistência do perfil dos vitimados: Homens, negros e de maioria jovens.

Fonte: DataSus

<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=060701>

Slide 19

17 MORTES

Em relação ao ano anterior (2014) tem-se um aumento de

70%

2015



Fonte: DataSus

<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=060701>

Slide 20



Slide 21



Slide 22



47,05%

No período tem-se uma queda no número de mortes violentas.

Fonte: DataSus

<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=060701>

Slide 23

Mortes violentas entre os jovens coaracienses

Quando se considera os números relativos aos jovens, pessoas de 15 a 29 anos, temos uma demonstração de uma letalidade que alcança até 72,73%.



Fonte: DataSus

<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=060701>

Slide 24



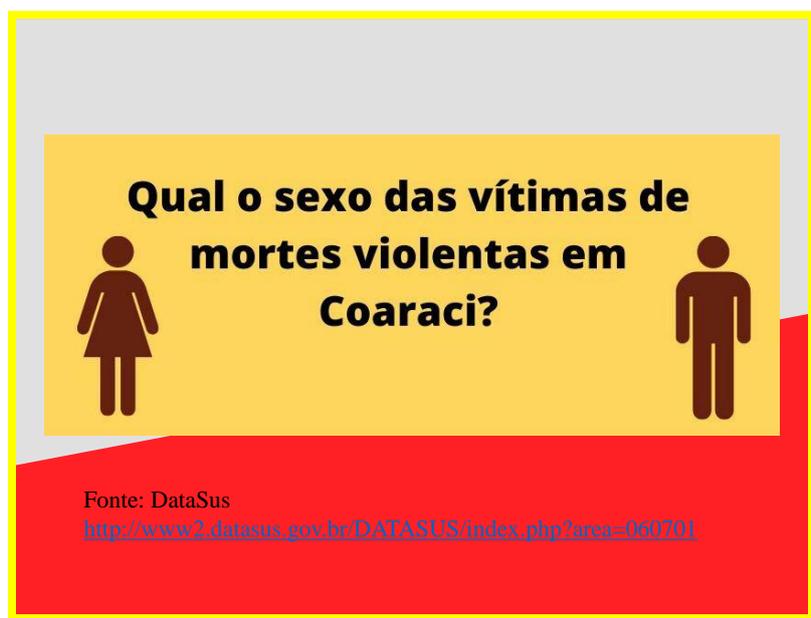
Slide 25



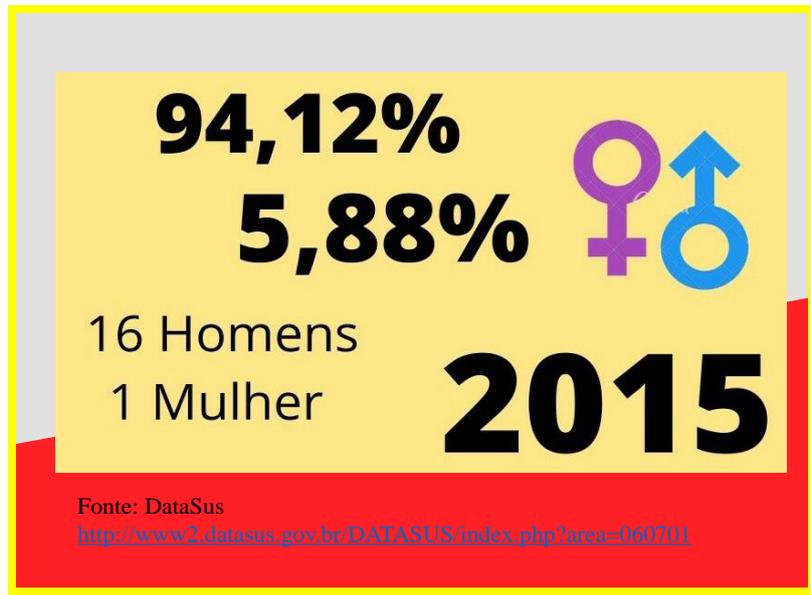
Slide 26



Slide 27



Slide 28



Slide 29



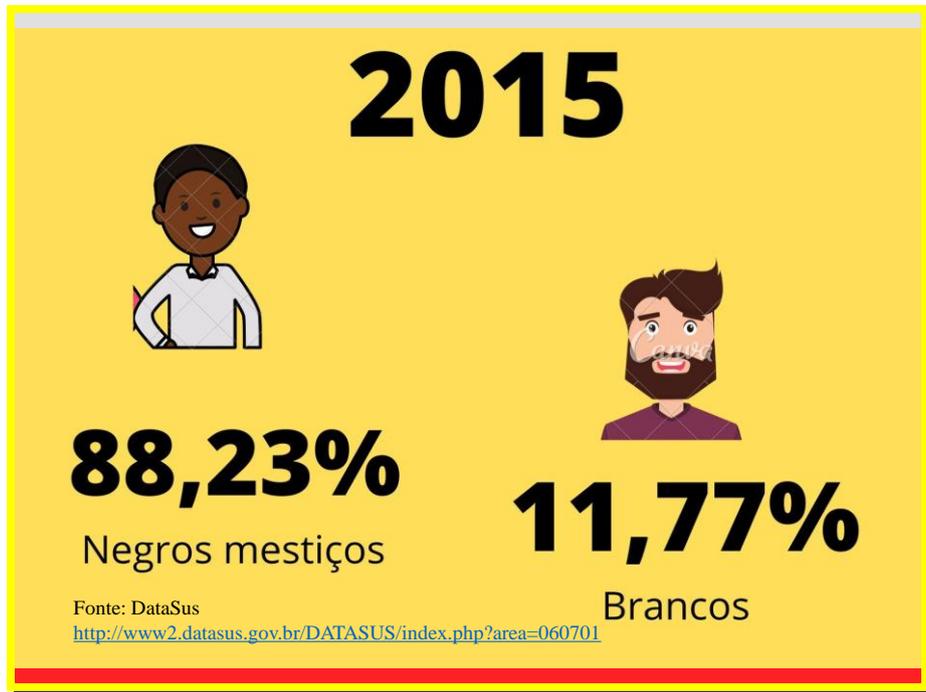
Slide 30



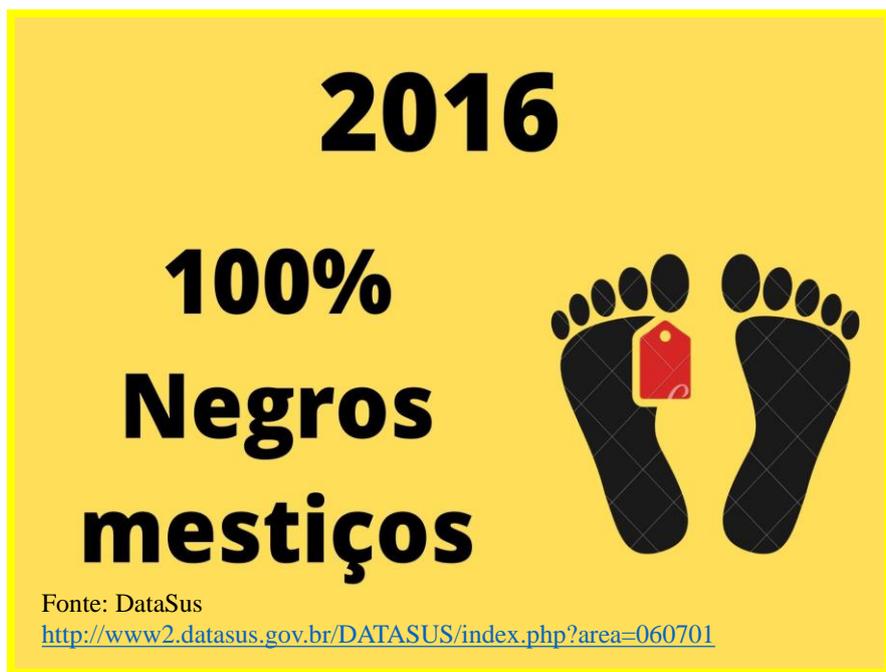
Slide 31

**E quanto a raça?
Qual a raça predominante entre
as vítimas?**

Slide 32



Slide 33



Slide 34

2017

100%

Negros

mestiços



Fonte: DataSus
<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=060701>

Slide 35

A Carne
Elza Soares

A CARNE MAIS
BARATA DO
MERCADO É A
CARNE NEGRA



Sugestão de atividade: Construção de um mural

Cada espectador será convidado a escrever ou citar uma palavra que ele relaciona para os seguintes termos: **Estado**; **Violência**; **Racismo**.

Os termos comporão um mural que será exposto na área comum do colégio.

Exemplo:

Estado = poder;

Violência = morte;

Racismo = preconceito.

Dicas de leitura

SOBRE O RACISMO

**PEQUIENO
MANUAL
ANTIRRASCISTA**

**DJAMILA
RIBEIRO**

(2019)

SOBRE O NEGRO E O CINEMA

**O NEGRO
BRASILEIRO E O
CINEMA**

**JOÃO CARLOS
RODRIGUES**

(2011)

SOBRE O USO DIDÁTICO DO CINEMA

**COMO USAR O
CINEMA NA
SALA DE AULA**

**MARCOS
NAPOLITANO**

(2018)

4.8 Finalizando...

O debate sobre as questões levantadas nesta obra não se esgota e pode e deve ter variadas abordagens. Buscou-se subsidiar a discussão proposta com breves textos, *slides/cards* e sugestões de atividades/aulas de forma a levar os participantes a uma investigação das raízes e interfases dos fenômenos aqui apontados. Os alarmantes dados da violência desvelam o racismo estrutural e a necropolítica que incide sobre a camada mais pobre da sociedade brasileira, esta discussão é complexa e possuem um rico escopo que pode ser explorado, bem como possíveis problemas que poderão ser debatidos em outros momentos e com outras visões.

Como forma de estimular a continuidade deste debate disponibilizamos algumas sugestões para que você, leitor/professor possa seguir pelo caminho que iniciamos por meio dos quadros a seguir.

CONTINUANDO...

QUESTÕES PARA DISCUSSÕES POSTERIORES:

- COMO ENFRENTAR DE FORMA PRÁTICA A VIOLÊNCIA?
- COMO PERCEBER O RACISMO ESTRUTURAL NO COTIDIANO?
- COMO LIDAR COM AS NOTÍCIAS SOBRE A VIOLÊNCIA NAS MÍDIAS SOCIAIS?

ATENÇÃO

Ao debater temas polêmicos como os apresentados ao longo desta cartilha é preciso está preparado para enfrentar opiniões divergentes e distorcidas do tema em pauta.

Por exemplo, ao longo da apresentação dos dados sobre a violência podem surgir opiniões tais como “bandido bom é bandido morto”, neste momento vale destacar com argumentos claros o caráter estrutural da violência e de como os dados revelam um direcionamento de abordagem violentas com base em estereótipos, uma vez que crimes similares cometidos por pessoas de “classe alta” não recebem o mesmo tratamento violento.



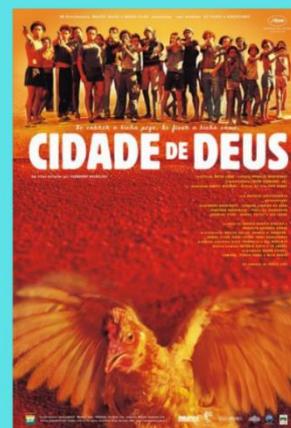
DICAS DE FILMES

- Filmes com temática similar



Maré, Nossa História de Amor
Diretora Lúcia Murat
Brasil (2008)

Cidade de Deus
Diretor Fernando Meirelles
Brasil (2002)



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo é um fenômeno estrutural numa sociedade como a brasileira, na qual a desigualdade e a violência são as formas fundantes da sociabilidade. A educação é um importante vetor de superação das desigualdades e preconceitos consolidadores da naturalização das opressões socioeconômicas presentes na estrutura social. Analisar o racismo e estimular o uso de obras cinematográficas foram os pontos iniciais desta pesquisa.

Ao longo da trajetória de desenvolvimento e análise desta pesquisa consolidamos o objetivo de viabilizar o debate dos conceitos de racismo, violência e necropolítica, tendo como escopo a análise do universo amadiano, em particular as aventuras dos Capitães da Areia, romance de 1937, adaptado para o cinema pela diretora Cecília Amado em 2011. Buscamos fundamentar o debate por meio da construção de materiais didáticos para o uso em aulas do ensino básico.

A Lei 10.639/2003 e as “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana” (2004), são instrumentos vitais para a educação antirracista, fruto da luta do movimento negro, entre outros aspectos preconiza e regulamenta o ensino da História da África e da contribuição da população afro-brasileira, sendo fundamentais para inserção das escolas e seus atores na realidade socioeconômica e cultural do país. Os dados da violência e da desigualdade econômica demonstram um abismo entre a população negra e branca, sobre os primeiros incide os maiores índices de violência e piores indicadores socioeconômicos, tais como acesso a bens culturais e condições de empregos.

A presente pesquisa empreendeu uma problemática voltada para a construção de atividades educacionais antirracista, articulando para tal diversas linguagens: literatura, cinema e música, imbricada com referenciais teóricos complexos como racismo estrutural, a necropolítica e a violência, como resultado construímos uma cartilha intitulada “Necropolítica e Capitães da Areia”, nela articulamos uma análise do filme Capitães da Areia (2011), com os conceitos de racismo estrutural de Silvio Almeida (2019), necropolítica de Achille Mbembe (2016) e violência. A abordagem metodológica é fundamentada na metodologia da investigação, na qual estimulamos o debate e

construção dos conceitos por meio da apresentação de dados estatísticos e notícias coletadas em sites e bases de dados do governo federal.

Sabemos das limitações da abordagem e uso de filmes em aulas, é preciso um preparo e planejamento dos professores, concentração dos espectadores/estudantes, infraestrutura e aparelhos, além de organização pedagógica, todavia o uso de instrumentos criativos e integração com outros meios como a música, planejamento e construção de uma didática dinâmica e participante pode superar as dificuldades impostas.

O tema trabalhado é complexo e polêmico, mas seu debate é vital para a construção de uma visão crítica do mundo. O contato diário com diversos elementos e narrativas impõem a necessidade de uma postura crítica ante aos produtos culturais amplamente difundidos que reiteram lugares comuns e preconceitos sobre a população negra, por isso o debate suscitado mostrou-se de grande importância. Assim entendemos que os temas aqui analisados podem e devem ser abordados com várias perspectivas. O uso do cinema e o universo amadiano mostrou-se ser um caminho para o debate das relações étnico raciais, recomendamos uma análise da violência e racismo com foco em toda região sul da Bahia, utilizando dados estatísticos de diversas cidades em conjunto com narrativas de romances de Jorge Amado, em especial os da década de 1930. Outro aspecto a ser aprofundado é a relação entre cinema e o ensino com foco nas relações étnicos raciais.

Por fim, entendemos que a cartilha defendida neste trabalho se constitui num instrumento de combate ao racismo e estímulo ao uso do cinema e demais linguagens culturais em aulas do ensino básico, seu uso em ambientes escolares garantirá uma educação mais inclusiva e crítica.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

AMADO, Jorge. **Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios**. Editora Companhia das Letras, 2012.

_____. **Capitães da areia**. Editora Companhia das Letras, 2008.

BACELAR, Jeferson Afonso. **A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador**. Pallas Editora, 2001.

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos A.; D'Adesky, Jacques. **Racismo, Preconceito e Intolerância**. São Paulo: Atual, 2002. pp. 42-62.

BRITTO, Juliana Machado de. **As figurações da violência em Jorge Amado: política e marginalidade em cacau e capitães da areia**. 2016. 126 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/handle/ufjf/3792>. Acesso em: 11 nov. 2019.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O racismo na história do Brasil: mito e realidade**. Editora Atica, 1994

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da violência 2019**. 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 31, 2008.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Boitempo Editorial, 2018.

_____. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

DE AZEVEDO, Thales. **Democracia racial: ideologia e realidade**. Editora Vozes, 1975.

DOS SANTOS NEVES, Bárbara Cecília. A VOZ DOS EXCLUÍDOS: UMA ANÁLISE DA LINGUAGEM EM CAPITÃES DA AREIA. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, p. 45, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. 1999.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz. O universo de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula. **São Paulo: Companhia das Letras**, v. 2, 2009.

GUALDA, Linda Catarina. Literatura e Cinema: elo e confronto. **Matrizes**, v. 3, n. 2, p. 201-220, 2010.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em Revista**, v. 34, 2018.

HOGRAEFE, Renata Paltrinieri; DA CUNHA, Maria Zilda. Capitães da Areia, romance e filme em diálogo. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 33, n. 65, p. 71-86, 2015.

JUDITH, Butler. **Sin miedo: Formas de resistencia a la violencia de hoy**. 2020.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; DE ALMEIDA, Alan Magno Matos. Representações sociais construídas sobre os índios em Sergipe: ausência e invisibilização. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 20, n. 45, p. 17-27, 2010.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte & Ensaios*. **Rio de Janeiro**, n. 32, p. 123-151, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. Editora Contexto, 2003.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo social**, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2007.

PEREIRA, Érica Antunes. De "capitães" e "pitboys": cartografias da marginalidade nas obras *Capitães da areia*, do brasileiro Jorge Amado, e *Marginais*, do Cabo-Verdiano Evel Rocha. **Via Atlântica**, n. 22, p. 55-69, 2012.

PIERSON, D. **Branços e Pretos na Bahia**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971, p. 29-65.

RIBEIRO, João Ubaldo. Jorge Amado e a invenção do Brasil. **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro, n. 73, p. 73-103, out-nov-dez/2012.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **As cores da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30**. Annablume, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O artista da mestiçagem. **O universo de Jorge Amado: caderno de leituras**, São Paulo: Companhia das Letras, p. 34-45, 2009.

VILLALTA, Luiz Carlos. **Reconstruindo e Ensinando a História no Nível Fundamental (5ª à 8ª séries)**. [coleção de artigos, não publicados, disponibilizados pelo autor].

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Boitempo Editorial, 2014.

6.1 Filmografia

CAPITÃES da Areia. Direção de Cecília Amado e Guy Gonçalves. Produzido por: Imagem Filmes.2011. (96 min)